

Alternativas que buscam neutralizar o gênero gramatical: Usos e motivações*

Alternatives that seek to neutralize the grammatical genre: uses and motivations

Cristina Lopomo, DEFENDI (IFSP)¹
Thamires Rodrigues, GOMES (IFSP)²

RESUMO

A pesquisa objetiva analisar como o gênero gramatical tem auxiliado na transposição das fronteiras do gênero social, discutindo o papel da linguagem na construção e afirmação da identidade do indivíduo. Após análise de conceitos linguísticos como gênero gramatical e princípio da marcação e definições como identidade de gênero, foi composto um corpus de textos, selecionados do Facebook, para identificar e analisar a frequência de uso de alternativas que neutralizam o gênero social e as que o marcam, realizando um levantamento quantitativo e qualitativo das possibilidades. Tendo como objeto de pesquisa a marcação de gênero, recorre-se a uma abordagem teórica que (i) focaliza a gramática e a desinência morfológica de gênero (CUNHA e CINTRA, 1984; MATTOSO CÂMARA, 1985; CEGALLA, 2009), (ii) discute o princípio funcionalista da marcação (GIVÓN, 1995) e (iii) utiliza-se de conceitos relacionados à identidade de gênero (LOURO, 2001; STERLING, 2002; BUTLER, 2003; LIVIA e HALL, 2010).

Palavras-Chave: Gênero gramatical, Identidade de gênero, Marcação, Neutralização

ABSTRACT

The research aims to analyze how the grammatical genre has served as a tool to transpose the patterns and frontiers of the social genre, discussing the role of language in the construction and affirmation individual's identity. After analyzing linguistic concepts such as grammatical genre and markedness principle, besides definitions related to gender identity, a corpus of texts was compiled, taken from the social media Facebook, which served to identify and analyze the frequency of use of alternatives that neutralize the sexual gender. Taking as its motto the role of language as a tool for social transformation and as a research object the gender markedness, we resort to a theoretical approach that, besides focusing on grammar and morphological termination of gender (CUNHA e CINTRA, 1984; MATTOSO CÂMARA, 1985; CEGALLA, 2009), studies the functionalist principle of markedness (GIVÓN, 1995) and the use of social gender (LOURO, 2001; STERLING, 2002; BUTLER, 2003; LIVIA e HALL, 2010).

Keywords: Grammatical Gender, Gender identity, Markedness, Neutralization

* Estudo realizado com bolsa de ICeT do IFSP-SPO, vinculado ao grupo de pesquisa GELIFSP (Grupo de Estudos da Linguagem do IFSP), certificado pelo CNPq.

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – campus São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil. Departamento de Humanidades; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9743-7097>; crislopomo@ifsp.edu.br

² Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo- campus São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3861-166X>; thamiresgomes70@gmail.com.

1. Introdução

Criadas e difundidas no meio virtual com o objetivo de reivindicar direitos de representatividade linguística, as alternativas que buscam neutralizar o gênero gramatical surgiram como uma pauta de ativistas da comunidade LGBTQ+, principalmente de indivíduos cuja identidade de gênero não se adequa ao padrão binário (homem/mulher), evidenciando a necessidade de discussões acerca do papel da linguagem, enquanto ferramenta de transformação e refletora da sociedade, na construção e afirmação da identidade do indivíduo.

Essa tentativa de mudança, acréscimo ou adequação linguística tem suas raízes na *Teoria Queer*, perspectiva teórica que questiona as noções de uma “essência” feminina ou masculina e considera a ideia de *sexo* – popularmente associado apenas a características biológicas e visto como produtor das diferenças entre homens e mulheres – como produto de nossas interpretações, arbitrárias e ideológicas.

Evidenciando o grande desafio, no que se refere às minorias³, em assumir que as posições de gênero e sexuais se multiplicaram e escaparam dos esquemas binários e em admitir que as fronteiras vêm sendo constantemente atravessadas (LOURO, 2001, p. 1), as discussões sobre identidade de gênero e de representatividade (de indivíduos/grupos que não se identificam com o padrão binário de gênero social, como pessoas intersexuais, *queers*, agêneras, não-binárias, entre outros⁴) e do sexismo na linguagem (questionado por algumas vertentes dos movimentos feministas) possibilitaram que marcadores de gênero gramatical, em palavras que fazem referência a seres humanos, na língua escrita, tenham começado a ser substituídos – principalmente em redes sociais como o *Facebook*, *Twitter* ou *blogs* – por neutralizadores como “x”, “@” e “e”. Essas alternativas gramaticais de neutralização de gênero são o foco da presente pesquisa, que objetiva analisar seu uso e suas motivações. Utiliza-se como base teórica, no que se refere à área de língua, Cunha e Cintra (1984), Mattoso Câmara (1985), Cegalla (2009) e Givón (1995) e, na área de gênero, Butler (2003), Louro (2001) e Sterling (2002) e Livia e Hall (2010).

2. Aspectos teóricos-metodológicos

Foi realizado inicialmente um levantamento bibliográfico de conceitos (gênero gramatical, marcação e gênero social) e levantamento de dados em relação às possibilidades de alternativas que neutralizam o gênero gramatical (quantidade de variantes, como o/a, o/a/e, o/a/@ e o/a/x e seus usos). Para compor o *corpus* analisado, foram selecionadas três páginas da rede social *Facebook*, sendo o critério de escolha relacionado à proximidade com a instituição da pesquisa, de forma que duas delas são ligadas

³ Importante ressaltar que a expressão minorias não se refere necessariamente a uma inferioridade numérica, mas à questão de visibilidade e espaço de fala na sociedade.

⁴ A rede social *Facebook* disponibilizou, em abril de 2014, 52 opções de gênero (em inglês) no perfil dos usuários norte-americanos. A ferramenta demorou cerca de um ano para ser implantada no Brasil, permitindo aos usuários escolherem entre 17 identidades de gênero, entre elas feminino, masculino, travesti, transgênero, sem gênero e gênero neutro.

<http://www1.folha.uol.com.br/tec/2015/03/1596932-facebook-agora-permite-que-usuario-escolha-17-identidades-de-genero.shtml>. Acesso em 22 fev. de 2018.

ao *campus* São Paulo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP-SPO) e uma ligada à comunidade LGBTQ+, que se mostra protagonista de tais discussões. Dentre todas as postagens, foram selecionadas, em um determinado espaço temporal, aquelas que continham pronomes, adjetivos ou substantivos com marcadores ou neutralizadores de gênero gramatical e que faziam referência a seres humanos. O critério metodológico tem relação com o fato de que a pesquisa objetiva discutir o papel da linguagem na construção e afirmação da identidade do indivíduo e, dessa forma, não se fez necessário analisar postagens que faziam referência apenas a seres inanimados.

A página da Diretoria Sócio Pedagógica IFSP *Campus* São Paulo teve postagens analisadas no período de janeiro a outubro de 2017. As duas outras páginas, *RExistência não-binária* e *Spotted IFSP - Campus São Paulo*, tiveram postagens analisadas em um menor período de tempo (de maio a outubro de 2017), visto que continham um número significativamente maior de postagens (a página *Diretoria SócioPedagógica* teve apenas 28 postagens entre janeiro e outubro de 2017, enquanto a página *RExistência não-binária* teve 80 postagens e a *Spotted IFSP - Campus São Paulo* teve 363 postagens. A seleção das postagens foi feita levando-se em conta o mesmo critério metodológico de marcação de gênero gramatical para neutralizar o gênero social.

Quanto à noção de gênero (social) na Teoria Queer, retoma-se a proposta de Foucault (1972, *apud* LIVIA e HALL, 2010), que considera que, se o próprio discurso constrói as diferenças, ao torná-las visíveis como diferenças, então estas não são, em sua totalidade, inerentes, visto que são carregadas de nossas interpretações que, por sua vez, são arbitrárias – ideia sintetizada por Sterling (2002) ao afirmar que

o sexo de um corpo é simplesmente complexo demais. Não existe o isso ou aquilo. Antes, existem nuances de diferença, [...] rotular alguém homem ou mulher é uma decisão social. Podemos utilizar o conhecimento científico para nos ajudar a tomar a decisão, mas só nossas crenças sobre o gênero – e não a ciência – podem definir nosso sexo. Além disso, nossas crenças sobre o gênero também afetam o tipo de conhecimento que os cientistas produzem sobre o sexo. (STERLING, 2002, p. 15)

Por questionar a noção de uma essência de feminilidade e masculinidade e recusar a classificação de indivíduos em categorias universais, atentando-nos para o fato de apenas dados biológicos serem insuficientes para a produção de identidades de gênero, a *Teoria Queer* mostra-se de suma importância para o entendimento da crítica, da comunidade LGBTQ+ e algumas vertentes dos movimentos feministas⁵ aos esquemas binários, que permeiam e ditam a sociedade, deixando à margem indivíduos e grupos que não se adequam a estes. Essa ideia pode ser sintetizada na afirmação de Butler (2003), que define tais esquemas como “a estilização reiterativa do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma

⁵ Utiliza-se o plural para destacar a existência de diversas variações (vertentes) do movimento, de forma que os estudos feministas formam um campo plural e dinâmico, já que, consoante Miranda e Schimanski (2014, p. 84), “falar de movimentos feministas implica designar sob uma mesma denominação diversas formas de movimento de mulheres, conhecidos como feminismo liberal ou burguês, feminismo radical, mulheres marxistas ou socialistas, mulheres lésbicas, negras, entre outras dimensões e categorias dos movimentos atuais”.

estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (BUTLER, 2003, p. 59), ou seja, atenta-nos para o fato de gênero ser um processo, estabilizado a partir da reiteração de normas que o regulam.

A filósofa articula, assim, a noção de *performatividade de gênero*, baseada na *Teoria dos atos de fala*⁶, de Austin (1962), que considera que determinados enunciados servem para realizar ações e, portanto, não são verdadeiros nem falsos, os quais ele nomeia de *performativos*, diferenciando-os dos *constatativos* – que servem para descrever ou relatar. A filósofa, ao alegar que “elocuições de gênero não são nunca meramente descritivas” (LIVIA; HALL, 2010, p. 122), direciona-nos à construção discursiva de gênero, que, consoante Butler (2003), é performativa porque “configura a sua existência por meio de seu próprio *pronunciamento feliz*” (BUTLER, 2003, p. 59) – que, por sua vez, ocorre quando é realizado dentro das circunstâncias sociais esperadas. Dessa forma, elocuições de gênero exigem que a pessoa endereçada, além de agir de acordo com as normas e aparatos vinculados a gênero, “crie um gênero apropriado em cada ato culturalmente percebido que ela realizar, desde a maneira como penteia seu cabelo até a maneira como caminha, fala ou sorri” (BUTLER, 2003, p. 59).

Evidencia, assim, que feminino e masculino não são características inerentes, mas efeitos que produzimos por meio das atitudes específicas que temos e da leitura que se faz delas, ampliando a ideia de construção social e desempenho reiterativo de gênero, já que isso é algo que precisa ser constantemente reafirmado, exibido e provado publicamente “pelo desempenho repetido de ações específicas ajustadas a normas culturais (...) que definem masculinidade e feminilidade”. (CAMERON, 2010, p. 131)

Já sob a perspectiva gramatical, a tentativa de mudança, acréscimo ou adequação linguística no que se refere a alternativas que buscam neutralizar o gênero gramatical⁷ contrasta com a teoria já antecipada por Câmara⁸, que se baseia no *princípio da marcação (markedness)*, introduzido por Givón (1995). O funcionalista, afirmando que a noção de marcação se mostra presente nos estudos linguísticos desde a Antiguidade, define tal princípio não apenas como uma conveniência metodológica para a linguística, mas também algo presente, cognitivamente, no processar de informações de nosso organismo.

Contextualizando a questão historicamente, Givón (1995) afirma que a noção de marcação adentrou nos estudos linguísticos com a *Escola de Praga*, inicialmente como um refinamento do conceito de Saussure de *valor linguístico* (ideia de que o valor de um termo do sistema linguístico resulta da presença simultânea de outros termos). Afirma, também, que o conceito de marcação está ligado, por

⁶ Publicada postumamente no ano de 1962, a Teoria dos atos de fala tem por base doze conferências realizadas por Austin no ano de 1955.

⁷ Definido por Cegalla (2009) que afirma que “para os nomes dos seres vivos, o gênero, em geral, corresponde ao sexo do indivíduo; o mesmo, porém, não acontece com os nomes dos seres inanimados, em que o gênero é puramente convencional”. (CEGALLA, 2009, p. 135) – como a propriedade que as palavras têm de indicar o sexo real ou fictício dos seres.

⁸ Diferente do que afirma a tradição gramatical portuguesa, o linguista propõe uma descrição original, argumentando que não podemos considerar o -o como marca de masculino por opor-se a -a, mas sim como uma forma desprovida de flexão específica (uma vogal temática), afirmando que: “na realidade, o gênero é uma distribuição em classes mórficas, para os nomes, da mesma sorte que o são as conjugações para os verbos” (CÂMARA, 1985, p. 88), diferenciando-o das conjugações verbais, que segundo o autor, não têm a menor implicação semântica.

excelência, à ideia de contexto⁹, visto que uma forma pode ser marcada em determinada situação e não-marcada em outra.

Estabelece que, pressupondo-se a noção de complexidade formal, a forma marcada seria *estruturalmente mais complexa* que a não-marcada. Tome-se, então, como exemplo, a questão da desinência de gênero gramatical na língua portuguesa: de acordo com tal perspectiva teórica, o vocábulo 'menino' seria composto pelo radical *menin* + vogal temática -o + desinência de gênero zero, enquanto a palavra 'menina' seria composta pelo radical *menin* + desinência de gênero -a), sendo, portanto, a forma *marcada* (aquela que necessita de alguma marcação para se diferenciar da forma “geral”, sendo esta, no exemplo dado, representada pelo morfema -o que, levando-se em conta tal perspectiva, seria uma forma neutra).

Trabalha também a ideia de *frequência de distribuição*, segundo a qual, tipicamente, a forma marcada seria menos frequente que a não-marcada. Tomando como base o exemplo anterior, nota-se que, na língua portuguesa, palavras com a desinência de gênero feminino são, de fato, menos frequentes que as masculinas, que são utilizadas, em sua maioria, como formas neutras, em função principalmente da norma de concordância nominal. Se, em uma sala de aula, por exemplo, estiverem presentes nove meninas e apenas um menino, ainda assim a forma utilizada para se referir aos estudantes, segundo a tradição gramatical, será “alunos”. Essa norma dita os usos tanto na oralidade quanto na escrita, o que explica em parte a maior frequência de palavras masculinas. Além disso, por serem consideradas neutras, o masculino tende a representar a totalidade, como em “caros alunos”, que engloba todos os alunos, independentemente de gênero sexual.

Givón (1995) define, então, o terceiro critério para se distinguir uma forma marcada de uma não-marcada, o qual chama de *complexidade cognitiva*, explicando que a forma marcada tende a ser mais complexa cognitivamente (em termos de esforço mental, demanda de atenção e tempo de processamento) que a forma não-marcada, característica que não é possível atrelar ao gênero gramatical feminino, mas é possível perceber a complexidade cognitiva necessária para a decodificação de um termo como *amig@s* ou *amigXs*.

Tal conceito também é adotado por Cunha e Cintra (2008, p. 202), no que se refere a gênero gramatical, ao afirmarem que o masculino é o termo não-marcado e o feminino, por sua vez, o termo marcado – o que, como afirma Mäder (2015), originou-se na escola estruturalista e ainda é utilizado, nos estudos linguísticos contemporâneos, como suporte teórico para a descrição do *masculino genérico*.

⁹ “O contexto abrange não só o co-texto, como a situação de interação imediata (o entorno sóciopolítico-cultural) e também o contexto sociocognitivo dos interlocutores que, na verdade, subsume os demais, pois engloba todos os tipos de conhecimentos arquivados na memória dos sujeitos sociais.” (KOCH e ELIAS, 2009, p. 81)

3. A neutralização do gênero em situação de uso e análise de dados

As três páginas selecionadas para análise foram encontradas na rede social *Facebook*, sendo duas delas ligadas ao *campus* São Paulo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP-SPO) e uma ligada à comunidade LGBTQ+. A primeira página, Diretoria SócioPedagógica - IFSP *Campus* São Paulo, foi criada pelo setor sociopedagógico da instituição, que conta com assistentes sociais, profissionais das áreas da pedagogia e da psicologia. Teve postagens analisadas no período de janeiro a outubro de 2017. Dentre todas as postagens, foram selecionadas aquelas que contêm pronomes, adjetivos e substantivos com marcadores ou neutralizadores de gênero gramatical e que fazem referência a seres humanos, o que totalizou 28 postagens. Dessas, 18 contêm construções como (1) “Informamos a todos os alunos”, “os alunos cadastrados” e “atenção alunos”, ou seja, utilizando a variante -o, desinência de gênero masculina ou, levando-se em conta a lógica funcionalista, a forma “genérica” (não-marcada), utilizada para englobar estudantes no geral. Oito postagens, entretanto, utilizam o -x, uma das alternativas que surgiram no meio virtual e buscam neutralizar o gênero gramatical, em construções como (2) “Olá, alunxs!” e “xs alunxs”. Também foram encontradas duas postagens que utilizam construções como (3) “avisem os/as colegas”, “nos manifestamos contrárias (os)”. Observando os dois últimos exemplos em (3), que demonstram uma tentativa de, gramaticalmente, incluir homens e mulheres na sentença, nota-se presente a associação da desinência de gênero -o ao sexo masculino (e não como uma forma “geral” – concepção funcionalista), o que se resolve, dessa forma, pelo uso da desinência de gênero -a que serviria para representar, gramaticalmente, o feminino. Além disso, percebe-se que, na ocorrência “nos manifestamos contrárias (os)”, foi colocada a desinência de gênero feminino antes da masculina, o que poderia ser explicado como uma tentativa de combater o sexismo¹⁰ linguisticamente.

Foi analisada, também, a página Spotted IFSP - *Campus* São Paulo, criada e administrada por estudantes da instituição e destinada a eles mesmos. Foram analisadas postagens entre maio e outubro de 2017 e, das 363 contabilizadas, 260 utilizam marcadores de gênero, enquanto apenas 19 utilizam a variante -x como neutralizador do gênero gramatical, em construções como “queridxs” e “bonitxs”. Interessante ressaltar que, nas postagens observadas, nota-se também a tentativa de englobar tanto homens quanto mulheres, em construções como “apesar de você estar um pouco iludido (a)” e “não tente ser @amig@ perfei@”, em que o @, na segunda oração, é utilizado como uma junção do -o e do -a, o que reflete, também, a tentativa de combater o sexismo na linguagem.

¹⁰ É relevante evidenciar que, no início da pesquisa, levantou-se a possibilidade de as alternativas que buscam o gênero gramatical terem surgido exclusivamente como uma pauta de grupos ligados aos movimentos feministas, com o objetivo de trazer reflexões e críticas a respeito de um suposto sexismo na linguagem – preterição da desinência de gênero masculina em prol da feminina, como um “falso neutro”. Nota-se, entretanto, que se esta fosse a questão central de tais discussões, construções como as apresentadas, que utilizam tanto -a quanto -o na mesma sentença, resolveriam o problema, pois englobariam tanto homens quanto mulheres.

O uso, entretanto, de alternativas como -x e -e mostra que a questão vai além disso, o que se mostrou evidente nas postagens, analisadas entre maio e outubro de 2017, da página RExistência não-binária. Foram selecionadas 80 postagens, levando-se em conta o mesmo critério metodológico, das quais apenas 14 utilizam marcadores de gênero, enquanto 51 utilizam alternativas que buscam neutralizar o gênero gramatical (sendo que, destas, 49 continham a variante -e e 3 a variante -x). A evidente preferência, da página que foi criada por um coletivo de pessoas trans não-binárias, pode ser justificada pela dificuldade de pronúncia do -x e pelo fato de tal alternativa não ser inclusiva para pessoas cegas ou com baixa visão, que dependem de softwares de leitura que não conseguem ler palavras como, por exemplo, *todxs* e *alunxs*, ou seja, são palavras que não se permitem se oralizadas. Foram encontradas, dessa forma, postagens na página contendo palavras como “todes”, “menines” e “bonites”, em que a alternativa -e, diferente do @ (que se mostra uma junção do -o ao -a) ou de construções como “todos e todas”, “todos/as” e aluno (a), busca englobar pessoas cujas identidades de gênero não são contempladas pelo binarismo homem/mulher, de modo que as usuais formas gramaticais utilizadas para marcar o gênero mostram-se insuficientes. Reforçando, não é meramente uma questão de enfatizar a inclusão de homens e mulheres, mas, mais do que isso, oportunizar a inclusão de todas as identidades de gênero por meio de morfemas de marcação de gêneros diversos.

Tabela 1: Porcentagem do uso dos neutralizadores/marcadores de gênero gramatical

PÁGINAS/ ALTERNATIVAS	-o ou -a (gênero)	-o (genérico)	@	-x	-e	Expressões genéricas
Spotted IFSP	71,62%	16,25%	1,37%	5,23%	0	5,5%
Diretoria Sociopedagógica	0	64,3%	7,1%	28,6%	0	0
RExistência não-binária	17,5%	8,75%	6,25%	2,5%	61,25%	3,75%

Fonte: a partir de dados retirados de páginas do *Facebook* (2017).

Na página gerenciada pelos alunos (Spotted IFSP), a maior frequência recaiu sobre a marcação distinta do binarismo referente à identidade de gênero, com quase 72% de uso de palavras que se referem apenas a homens ou apenas a mulheres, em sentenças como em (5) "Minha amiga tem interesse", em que o uso do -a reflete a intenção de marcar o gênero, gramaticalmente, do sujeito (mulher) e (6) "Você estava maravilhoso", em que o -o é utilizado para demonstrar que a pessoa a qual o adjetivo faz referência é homem. Além disso, fica evidente que o uso do @ (5,25%) reflete a preocupação de contemplar homens e mulheres, visto que o símbolo mostra uma tentativa de junção do -o ao -a.

Já na página da Diretoria Sociopedagógica, houve um uso mais frequente (64,3% das ocorrências) do masculino neutro, generalizante, usado indistintamente para homens e mulheres. Ao lado disso, já há uma tentativa de um discurso mais aproximado com as tendências atuais de, linguisticamente, incluir

todos os gêneros, com 28,6% das ocorrências fazendo o uso do X no lugar do -o ou -a, o que revela uma mudança significativa, já que é um discurso institucional de um setor que lida de uma forma mais direta com questões individuais dos estudantes, com profissionais (psicólogos, pedagogos e assistentes sociais) que se mostram mais sensíveis às mudanças sociais, justamente pela natureza de seu trabalho.

Por sua vez, a única página analisada que está nitidamente atrelada às causas de representatividade de minorias sexuais (pessoas cujas identidades de gênero não se adequam ao padrão homem/mulher) é a que faz um maior uso de alternativas neutralizadoras do gênero gramatical, e justamente a mais inclusiva de todas, por permitir a oralização da palavra escrita. Em 61,25% das ocorrências analisadas, a página RExistência não-binária fez uso do -e como neutralizador do gênero gramatical ou, mais do que “neutralizador”, justamente é uma forma “gramatical” de marcar a diferença desse grupo, que não se vê representado por binarismos ou formas excludentes dos usos linguísticos e, com isso, precisa usar uma desinência nominal de gênero também nova para enfatizar a mudança requerida na sociedade.

Tanto a página RExistência não-binária quanto Spotted IFSP mostraram uso de expressões genéricas para fazer referência a pessoas, como a própria palavra “pessoas” e expressões como “galera” ou “pessoal”. Notou-se, além disso, o uso não-frequente da alternativa @ nas três páginas e o evidente uso do -o como forma genérica e do -x como neutralizador pela página Diretoria Sociopedagógica, o que poderia ser explicado pela hipótese de a página ter diferentes administradores que escrevem as postagens.

Considerações Finais

As alternativas que buscam neutralizar o gênero gramatical surgiram como uma pauta de grupos LGBTQ+ com o objetivo de reivindicar direitos de representatividade gramatical de pessoas cujas identidades de gênero não se encaixam no binarismo homem/mulher. Dessa forma, alternativas como -x e o -e começaram a ser utilizadas, em vocábulos que fazem referência a seres humanos, em substituição ao -a (desinência de gênero feminina) e ao -o – desinência de gênero masculina, utilizada, usualmente, como forma geral e, para alguns linguistas, a exemplo de Possenti (2015), neutra.

Com a coleta de dados realizada, pôde-se notar o frequente uso do -e, como neutralizador do gênero gramatical, nas postagens da página *RExistência não-binária*, o que pode ser explicado por ser a página criada por ativistas do movimento LGBTQ+, meio em que as discussões acerca de identidade de gênero e sexualidade são mais frequentes. Nas duas páginas ligadas ao *Campus* São Paulo do IFSP, entretanto, tal alternativa não se mostrou presente – dentre as utilizadas para neutralização do gênero gramatical, -x foi a mais frequente. Nota-se também que essa tentativa de mudança/acréscimo linguístico é observada apenas na modalidade escrita da língua, o que dificulta sua disseminação.

Levando-se em conta que a neutralização do gênero gramatical é algo novo, de forma que tal informação ainda não se mostrou acessível a todos, pode-se concluir que as páginas ligadas ao *Campus* São Paulo do IFSP mostraram conter postagens com um uso, embora não tão frequente, significativo de

tais alternativas. O fato de tratar-se de uma instituição pública, em que debates e discussões sobre questões ligadas a gênero e sexualidade são mais frequentes, principalmente nas áreas de humanidades, não pode ser desconsiderado.

Com a realização desta pesquisa, considerando a perspectiva funcionalista e a noção de *marcação*, utilizada por Câmara (1970) para explicar as questões referentes a gênero gramatical na Língua Portuguesa, é possível refletir sobre alguns fatores linguísticos serem arbitrários. Pode-se pensar a questão da desinência de gênero, por exemplo, sob este viés, considerando o -o uma vogal temática, como nos vocábulos carro e caderno, que não indica ou tem relação com a noção de sexo, mas serve para adequar a palavra aos moldes da estrutura do português; e, naquelas que se referem a seres humanos, o -a como uma forma utilizada para diferenciar o que não é geral (sendo a forma geral masculina, como no vocábulo aluno). Porém, só esse viés gramatical não comporta todas as mudanças sociais e as conquistas de grupos minoritários ocorridas nas últimas décadas e a língua, como organismo vivo que é, absorve as mudanças e muda junto com elas. A pesquisa, além disso, contribui para uma reflexão acerca do fato de que tais vogais (-o e -a), por si só, não carregam a noção de gênero ou sexo, mas nós atribuímos a elas e, embora tais fatores sejam arbitrários, a reflexão sobre o porquê de a forma masculina ser a geral, fundante ou central mostra-se relevante e reveladora da sociedade patriarcal em que vivemos.

A pesquisa não deu conta de analisar fatores como, por exemplo, alternativas neutralizadoras do gênero gramatical não serem utilizadas, usualmente, em vocábulos que contenham a vogal -e como forma geral, como por exemplo em “professores”, para fazer referência tanto a homens quanto mulheres que praticam a profissão. Porém, salienta-se, com este estudo, o quanto a língua reflete a sociedade e quanto ela se altera para continuar refletindo as mudanças dessa mesma sociedade.

Referências

- AUSTIN, John L. 1965. How to do Things with words. New York: Oxford University Press.
- BUTLER, J.P. 2003. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização brasileira.
- CÂMARA, Jr. Joaquim Mattoso. Estrutura da Língua Portuguesa. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CAMERON, D. 2010. Desempenhando identidade de gênero: conversa entre rapazes e construção da masculinidade heterossexual. In: OSTERMANN, A.C; FONTANA, B. (Org.). Linguagem, gênero e sexualidade: clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola editorial.
- CEGALLA, D. P. 2009. Novíssima gramática da Língua Portuguesa. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- CUNHA, C; CINTRA, L. 2013. Nova Gramática do Português Contemporâneo. Rio de Janeiro: Lexikon Editorial.
- GIVÓN, T. 1995. Functionalism and Grammar. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- KOCK, Ingedore G. V. e ELIAS, Vanda M. 2009. Ler e escrever: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto.

- LIVIA, A.; HALL, K. 2010. “É uma menina!”: a volta da performatividade à linguística. In: OSTERMANN, A. C; FONTANA, B. (Org.). Linguagem, gênero e sexualidade: clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola editorial, p. 109-127.
- LOURO, G.L. Teoria Queer: uma política pós-identitária para a educação. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8639.pdf> . Acesso em: 21 mai. 2017.
- MÄDER, G. R. 2015. Masculino genérico e sexismo gramatical. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/158447/336814.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em 18 dez. 2017. 159p.
- MIRANDA, T. L.; SCHIMANSKI, E. 2014. Relações de gênero: algumas considerações conceituais. In: FERREIRA, A. de J. (Org.). Relações étnico-raciais, de gênero e sexualidade: perspectivas contemporâneas. Paraná: UEPG, p. 67-91.
- POSSENTI, S. Meninx, eu vi!. Disponível em: http://www.cienciahoje.org.br/noticia/v/ler/id/3090/n/meninxs_eu_vi!/Post_page/3. Acesso em: 10 fev. 2017.
- STERLING, A.F. 2002. Dualismos em duelo. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n17-18/n17a02> . Acesso em 11 fev. 2017.

Cristina Lopomo Defendi has Bachelor's degree and Education degree in Portuguese Language, Master's and Doctoral's degree in Portuguese Language from FFLCH-USP. She is a Professor at the graduating Portuguese language course, coordinates the PIBID (Institutional Scholarship Program of Teaching Initiation) and is a member of the research Group of Language Studies of the IFSP-SP (Federal Institute of Education, Science and Technology of São Paulo). Email: crislopomo@ifsp.edu.br

Thamires Rodrigues Gomes is graduating in Portuguese-Language by the Federal Institute of Education, Science and Technology of São Paulo (Campus São Paulo), and is a member of the research group: Language Studies of the Federal Institute of São Paulo. Email: thamiresgomes70@gmail.com